

O trauma em manuais portugueses de medicina do século XVIII*

Monique Palma^{**}

Christian F. M. dos Santos^{***}

Resumo. A pesquisa, aqui apresentada, pretende analisar procedimentos e técnicas empregados no tratamento de traumas, descritos em manuais de medicina que circularam em Portugal e na América Portuguesa do século XVIII, buscando o entendimento terapêutico e cirúrgico, e considerando o entrave de questões religiosas e morais para o desenvolvimento medicinal do período. Através de fraturas e amputações, analisaremos a História da Medicina, evidenciando quanto teoria e execução interferiram no cotidiano. Respaldados metodologicamente pela História das Ciências, pretendemos compreender práticas que além de socorrer vidas permitiam desde disseminações de análises anatômicas a que expedições fossem concretizadas.

Palavras-chave: História das Ciências; História da Medicina; América Portuguesa.

Trauma in Portuguese medical handbooks of the 18th century

Abstract. Current research analyzes procedures and techniques employed in the treatment of traumas as described in medical handbooks used in Portugal and Brazil in the 18th century. The manuals deal with therapeutic and surgical matters and consider religious and moral issues as impairments for the development of contemporary medicine. The History of Medicine is investigated through limb amputations and fractures and witnesses that theory and practice interfered in daily life. Methodologically based on the History of the Sciences, we try to understand practices that not only saved lives but also the dissemination of anatomical analysis.

Keywords: History of the Sciences; History of Medicine; Portuguese America.

* Projeto recebido em 23/08/2013. Aprovado em 26/12/2013.

** Mestranda do PPGH/UEM, Maringá/PR, Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: moniquepalma@hotmail.com

*** Orientador. Professor do PPGH/UEM, Maringá/PR, Brasil. E-mail: chfausto@hotmail.com

El trauma en los manuales portugueses de medicina del siglo XVIII

Resumen. La investigación aquí presentada pretende analizar los procedimientos y las técnicas utilizados en el tratamiento de traumas, descriptos en los manuales de medicina que circulaban en Portugal y en la América Portuguesa del siglo XVIII, buscando el entendimiento terapéutico y quirúrgico, y considerando el límite impuesto por cuestiones religiosas y morales para el desarrollo de la medicina en ese período. Analizaremos la Historia de la Medicina, a través de fracturas y amputaciones, evidenciando cómo interferían la teoría y su ejecución en la vida cotidiana. Respaldados metodológicamente por la Historia de las Ciencias, pretendemos comprender que las prácticas, además de socorrer vidas, permitían ejecutar diseminaciones anatómicas a concretizar expediciones.

Palabras Clave: Historia de las Ciencias; Historia de la Medicina; América portuguesa

Este projeto de pesquisa pretende, através de uma perspectiva da História das Ciências, analisar a relação que os homens do século XVIII tinham, na América Portuguesa, com os saberes filosófico-naturais, em especial os oriundos das atividades médicas. Quem eram seus praticantes? Como eram os procedimentos e terapêuticas adotados nos casos de lesões e traumas? Estas são questões que consideramos importantes, na medida em que nos permitem compreender o cotidiano e o intrincado processo saúde-doença vivenciado pelos moradores de vilas, arraiais e cidades do Brasil colonial.

No século XVIII, observamos que era frequente o emprego de procedimentos cirúrgicos para o tratamento de fraturas, quedas, cortes e ferimentos por armas (de fogo e branca). Levantamentos prévios, em fontes documentais como o Erário Mineral (1735), elaborado por Luis Gomes Ferreira, que atuou como cirurgião-barbeiro na Capitania de Minas Gerais, apontam que, no caso de membros lesionados, os tratamentos adotados, geralmente, poderiam gerar sequelas como deformações que limitavam a

capacidade funcional. E, em casos mais graves, o único procedimento viável poderia ser o da amputação. Apesar dos resultados, aparentemente, pouco impressionantes, as atuações, intervenções e investigações empíricas dos cirurgiões-barbeiros, podem ser consideradas enquanto importantes contribuições para o desenvolvimento de tratamentos e técnicas cirúrgicas modernas.

O ofício da medicina, na América Portuguesa setecentista, era ocupado por uma classe hierárquica de representantes: os físicos licenciados¹ que, no século XVIII, possuíam formação em medicina, estes vistos como os catedráticos da saúde. Havia também os cirurgiões-barbeiros² que não possuíam formação nas Academias, sendo suas funções permeadas, exclusivamente, pelas práticas cirúrgicas e sangrias (PAULA, 2009, p. 3).

Do ponto de vista legal, só depois das reformas feitas por Sebastião José de Carvalho e Melo, Marques de Pombal (1699-1782), físicos e cirurgiões teriam suas funções unificadas. Entretanto, tal prática já era recorrente em algumas regiões da Colônia. Tal concepção permite-nos analisar a importância atribuída às vantagens que a medicina teria quando a cura não fosse pensada por físicos e praticada por cirurgiões, pois a observação traria, consequentemente, a possibilidade da geração de novos saberes desenvolvendo, deste modo, possibilidades e habilidades na arte de curar (CUNHA, 2010, p. 268).

¹ Os físicos licenciados, no período setecentista, correspondiam aos habilitados com formação para atuar no campo do que conhecemos hoje por medicina. Suas funções eram diagnosticar os doentes e indicar o tratamento. Entretanto, os físicos não faziam práticas cirúrgicas (CALAINHO, 2004, p. 2).

² Os cirurgiões-barbeiros compunham o campo de praticantes de medicina no século XVIII, sendo que não possuíam formação regular para atuarem. Estes cumpriam o dever de lidarem com práticas cirúrgicas. Desta forma, o emprego da função se dava através de tratamento de fraturas, ou do emprego de técnicas como sangrias e amputações (WISSENBACH, 2002, p. 118).

Os físicos, da Grécia Antiga, também se indagavam acerca da interação do homem com a natureza. Os gregos possuíam o entendimento de que, em não havendo uma boa relação entre o homem e o seu meio, a saúde do indivíduo não ficaria em harmonia com a natureza e as doenças teriam procedência a partir disto (ROSEN, 1994, p. 37). As maneiras de se interpretar as patologias, no século XVIII, eram, portanto, profundamente baseadas na medicina hipocrático-galênica. Esta teoria pressupunha que a manutenção da saúde estava diretamente relacionada ao equilíbrio dos humores³, assim o doente era aquele que apresentava humores em desarmonia, sendo a função do cirurgião (ou físico), a de restabelecer tal equilíbrio humoral. O corpo seria, desta forma, formado por sangue, pituíta, bile amarela e bile negra (EDLER, 2006, p. 35) e o que causava o adoecimento de um indivíduo era justamente a demasia, carência, ou depravação dos ditos humores, bem como a percepção de que determinadas doenças poderiam ser oriundas do clima e região onde as mesmas se encontravam (SOUZA, 2008, p. 275). Entretanto, devemos nos atentar ao fato de que a medicina setecentista não era uma mera continuidade do paradigma hipocrático-galênico antigo. Novos princípios, tais como experimentalismo e mecanicismo, foram agregados à medicina do século XVIII (EDLER, 2006).

Parte desta inserção de novos conceitos às práticas medicinais se deveu aos tratados, cartas e compêndios na área de Medicina, produzidos durante o período setecentista. Através destes documentos, os físicos e cirurgiões registravam a eficiência de suas mezinhas que, não raramente, eram descritas como verdadeiros tesouros (MUZZI, 2002, p. 35). Ainda assim, havia obras com listas de receitas e maneiras de resgatar a saúde e, até mesmo, de como evitar ficar doente, como descrito no *Tratado completo de anatomia e cirurgia*,

³ Nesta perspectiva, o corpo seria composto por sangue, bile amarela, bile negra, pituíta que foram nomeados por humores, estes que deveriam manter equilíbrio com a natureza, para que a pessoa tivesse saúde.

redigido por Manuel José Leitão (1788), ou a *Historiologia médica*, de José Rodrigues de Abreu (1733) e mesmo o *Aviso ao Povo acerca de sua saúde*, que foi escrita pelo francês Samuel August André David Tissot e traduzida pelo português Manoel Joaquim Henriques de Paiva, em 1787.

Neste seguimento, constatamos que os manuais e compêndios, publicados durante o período setecentista, foram de grande importância no que tange à disseminação das práticas médicas nas terras brasileiras (ABREU, 2010, p. 226). Nestas obras, foram agregadas abordagens sobre enfermidades, integrando-se o saber erudito com observações feitas na experiência de curar os doentes; que foram (além do que já era proposto nos livros), estabelecendo outras maneiras de praticar medicina na América Portuguesa. Segundo Júnia Ferreira Furtado, esta prática médica pode ser nomeada por *Medicina tropical* (2005, p. 94). Podemos afirmar que o saber médico, neste período, teve parte de seus objetos e métodos revisitados, graças aos escritos de homens de letras e práticos do período, que iam além do visitar clássicos da antiguidade, postulando, em suas obras, impressões e técnicas desenvolvidas, não raras vezes, à custa de observações e intervenções empíricas.

No que se refere às doenças diagnosticadas na Colônia, encontramos, principalmente, as febres, dores na garganta, dores nos olhos, feridas, fraturas, ou seja, o que fosse considerado como digno de tratamento (DIAS, 2002, p. 59). Com relação ao emprego de mezinhas e boticas, apesar da flora extremamente diversa da América Portuguesa esta, algumas vezes, competia com aquelas elaboradas a partir de plantas europeias (DEAN, 1997, p. 242). Neste caso, as boticas de além-mar encaravam alguns problemas no que se refere à sua conservação. O clima era um dos obstáculos encontrados no ambiente tropical da América Portuguesa, o que nem sempre permitia que as mezinhas portuguesas ou francesas, por exemplo, pudessem ser estocadas por muito tempo. Isso, caso as mesmas não fungassem, mofassem ou

apodrecessem durante os meses de uma travessia pelo Atlântico. Na maioria das vezes, as mezinhas chegavam à Colônia em péssimas condições de conservação, o que, certamente, poderia comprometer suas propriedades medicinais (DIAS, 2002, p. 57).

Todavia, a medicina, na América Portuguesa do século XVIII, não se dividia somente entre prognósticos de físicos e intervenções de cirurgiões-barbeiros. Também circulando pelos carreadores, arraiais e vilas da Colônia portuguesa na América estavam os benzedeiros e curandeiros, estes guiados por complexos sistemas de análise e intervenção no processo de tratamento das doenças que afligiam o homem setecentista. Nesta perspectiva, Vera Regina Beltrão Marques evidencia um mundo em que medicina, religião e magia estavam, de certa forma, lado a lado no tratamento dos doentes (2004, p. 4). Por outro lado, Flávio Coelho Edler demonstra que os físicos e cirurgiões nutriam certa repúdia por curandeiros e benzedeiros, no que tange aos métodos de cura (2005, p. 6). Entretanto, alguns elementos e figuras religiosas poderiam ser interpretados como essenciais ao processo de cura.

A crença em um tratamento, auxiliado por elementos religiosos e de fé, assinala um diálogo constante entre o divino e o processo de cura. A medicina setecentista era, em grande medida, realizada sob os auspícios de um ser supremo; só ele poderia, efetivamente, resolver e solucionar os males, chegando ao ponto de somente cristãos poder exercer os serviços de saúde (GROSSI, 2005).

Mas não eram apenas os santos que participavam deste processo. Bolsas de mandingas, magias e feitiços dividiam espaço com os imaculados da Igreja Católica. Inclusive no mundo dos encantos, pedaços de ossos de defuntos eram utilizados para a confecção das conhecidas bolsas de mandingas, que lhes atribuíam peculiar característica de poder preventivo contra as doenças. Evidentemente, a Igreja Católica e representantes da medicina oficial

não aprovavam este subterfúgio como prática capaz de livrar alguém de desentendimentos com a saúde (BERTOLOSSI, 2006).

Alguns estudiosos, como Daniela Buono Calainho, afirmam que um dos principais problemas da medicina setecentista brasileira era a escassez de físicos nessas terras, alegando que a falta de licenciados da saúde atribuiu responsabilidades aos jesuítas, para os tratamentos médicos no período colonial (CALAINHO, 2005). Entretanto, há uma perspectiva que lançou outro olhar sobre a questão, observando que, em boa medida, toda essa diversidade de culturas nativas não pedia por mais médicos, cirurgiões e barbeiros (CALAÇA, 2002, p. 221). É relevante refletir quem, na sociedade setecentista, se ressentia com a ausência dos oficiais da saúde. Julgar que a carência de físicos e cirurgiões foi a causa do surgimento de curandeiros e benzedeiros, como Nauk Maria de Jesus afirmou⁴, pode ser um apontamento prematuro, como ressaltaram Edler e Fonseca (2005, p. 6). O que podemos depreender, no que se refere aos moradores da América Portuguesa, é que estes encontravam, nos curandeiros e benzedeiros, curas para mazelas, que os portugueses operadores da saúde, em certo sentido, não atendiam.

Neste aspecto, é importante cotejarmos fontes documentais que expressem a diversidade de percepções sobre doença e cura no século XVIII. Partindo de tal princípio elegeremos as obras *Erário Mineral* do cirurgião-barbeiro Luís Gomes Ferreira (1686-1764); *Thesouro Apollineo, Galenico, Chimico, Chirurgico, Pharmaceutico* (1714) obra escrita pelo físico e boticário francês João Vigier (1662-1723) e que teve grande difusão em Portugal no século XVIII; *Sobre o methodo mais simples e seguro de curar as feridas das armas de fogo*, uma dissertação de autoria do estudante português Antonio de Almeida, em 1797. E também *Historiologia Medica* (1733) de José Rodrigues de Abreu (1682-1752),

⁴ Nauk Maria de Jesus diz que a falta de fiscalização foi o que permitiu a conciliação das maneiras de se realizar curas durante os setecentos (JESUS, 2001, p. 13).

físico português que dedicou esta obra aos professores dos saberes medicinais do século XVIII. Tais fontes documentais nos permitirão analisar quais eram as terapêuticas adotadas, por homens com diferentes formações, quando do tratamento de lesões e traumas. O que um homem do período setecentista estava fadado a suportar na busca pela cura? Quais foram as técnicas aplicadas? De qual maneira o conhecimento desses agentes proporcionou, de forma empírica, um novo em medicina?

Ao promovermos a comparação de obras elaboradas em um mesmo período, mas de autores que, dentro do campo da saúde, possuíam formações distintas, podemos observar, de maneira pormenorizada, funções específicas de representantes da cura com formações diversas. Em um tratado elaborado por um físico, por exemplo, dificilmente encontraremos relatos de práticas atestando a eficiência de alguma botica, visto que a atuação deste profissional era profundamente ligada à erudição, e não ao exercício prático. Será, contudo, nas obras de cirurgiões que a manipulação de ervas, raízes, folhas e galhos terá lugar no processo terapêutico?

A abordagem e análise teórico-metodológica de tais fontes documentais será, primordialmente, baseada em uma perspectiva interdisciplinar. Para além de uma compreensão historiográfica dos conceitos e paradigmas estabelecidos no século XVIII, sobretudo no campo da saúde, pretendemos, através de disciplinas como anatomia, fisiologia e farmácia analisar os princípios, efeitos e consequências terapêuticas das técnicas, teorias e reflexões que físicos e cirurgiões-barbeiros legaram em suas obras. Através destas disciplinas das Ciências da Saúde, aqui compreendidas como auxiliares, pretendemos compor um elemento teórico mais amplo, no que concerne à leitura crítica das fontes documentais.

Basearemos, portanto, nossa perspectiva de análise nos conceitos de trauma e lesão, veiculados nos manuais de medicina setecentistas em circulação

na América Portuguesa e Portugal, observando as diferentes perspectivas de físicos e cirurgiões-barbeiros, a partir da tal discussão proposta por Vera Regina Beltrão Marques.

No que se refere à relação mantida entre físicos, cirurgiões-barbeiros e curandeiros, na Colônia portuguesa, pretendemos discutir, na perspectiva de Flávio Coelho Edler, o saber construído a partir das descrições e compreensões do que eram patologias no século XVIII. O estabelecimento de um quadro geral da prática médica, no século XVIII, se fará pelas discussões levantadas por William F. Bynum (1996).

Com tais referências, objetivamos compreender os conceitos de trauma e lesão nos Manuais de Medicina que circularam em Portugal e América Portuguesa do século XVIII. Examinaremos o conceito de lesão e seus respectivos tratamentos, partindo da perspectiva setecentista de fisiologia. Analisaremos as propriedades terapêuticas, indicadas nos Manuais de Medicina produzidos e ou disseminados em Portugal e América Portuguesa no século XVIII.

Referências

ABREU, Jean Luiz Neves. Higiene e Conservação da Saúde no pensamento médico Luso-Brasileiro do século XVIII. *Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia*. Madrid, v. 62, n.1, p. 225-250, 2010.

ABREU, José Rodrigues de. *Historiologia Medica*. In: Acervo digital da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. Disponível em: <<http://coleccoes-digitalizadas.fm.ul.pt/repo/ULFM-res-400-4/>>. Acessado: 2 jun. 2011.

ALMEIDA, Antonio. *Sobre o methodo mais simples e seguro de curar as feridas das armas de fogo*. In: Acervo digital da Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: <http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=F31R146154991.235361&profile=bn&uri=link=3100027~!8048059~!3100024~!3100022&aspect=basic_search&menu=search&ri=1&source=~!bnp&term=Disserta%C3%A7%C3%A3o+sobre+o+methodo+mais+simples%2C+e+seguro+de+curar+as+feridas+das+armas+de+fogo&index=ALTTITLE>. Acessado: 29 abr. 2011.

BERTOLOSSI, L. C. A Medicina Mágica das Bolsas de Mandinga no Brasil, Séc. XVIII. *XII Encontro Regional de História: usos do passado*. Niterói: Anpuh-Rio, 2006.

BYNUM, W. F. *Science and the Practice of Medicine in the Nineteenth Century*. Nova York; NY: Cambridge University Press; 1996.

CALAÇA, Eduardo Carlos. Medicina e plantas medicinais nos trópicos: aspectos da constituição da ciência farmacêutica ocidental. *História, Ciências, Saúde – Manquinbos*. Rio de Janeiro, v. 9, n.1, 2002.

CALAINHO, Buono Daniela. Jesuítas e medicina no Brasil colonial. *Tempo*. Rio de Janeiro, n. 19, 2005.

CALAINHO, Daniela Buono. Médicos e Curandeiros no Brasil Colonial. *XI Encontro Regional de História: democracia e conflito*. Rio de Janeiro: Anpuh-Rio, 2004.

CUNHA, Lucíola de Lima. O Erário Mineral: Práticas Curativas no Brasil do século XVIII. *Revista Eletrônica das Monografias de História*. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, n. 4, p. 252-308, 2010. Disponível em: <http://www.utp.br/historia/revista_historia/numero_4/PDFS/Luciola.pdf>. Acessado: 9 jun. 2011.

DEAN, Warren. *A Ferro e Fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica Brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

DIAS, Maria Odila Leite. Sertões do Rio das Velhas e das Gerais: vida social numa frente de povoamento – 1710-1733. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.) *Erário Mineral*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 2002.

EDLER, Flávio Coelho. *Boticas e farmácias: uma história ilustrada da farmácia no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

EDLER, Flávio Coelho; FONSECA da Fróes Raquel Maria. Saber Erudito e Saber Popular na medicina colonial. *Cadernos ABEM*. Rio de Janeiro, v. 2, 2005.

FURTADO, Ferreira Júnia. Barbeiros, cirurgiões e médicos na Minas Colonial. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte, v. XLI, 2005.

FURTADO, Júnia Ferreira (org.). *Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 2002.

GROSSI, Fernandes Ramon. O universo da cura na capitania das Minas Gerais (1750- 1808). *Revista da Faculdade de Letras – História*. Porto, v. 6, Série III, p. 49-68, 2005.

JESUS, Nauk Maria De. *Saúde e doença: práticas de cura no centro da América do Sul (1727 – 1808)*. Cuiabá, 2001. Dissertação (Mestrado em História) - UFMT, 2001.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. As ‘Medicinas’ indígenas ganham o mundo nas páginas das farmacopéias portuguesas do setecentos. *IX Encontro Regional De História*. Ponta Grossa, Anpuh-PR, 2004.

MUZZI, Eliane Scotti. Ouro, poesia e medicina: os poemas introdutórios ao Erário Mineral. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). *Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 2002.

PAULA, de Silva Leandro. Médicos Acadêmicos e terapeutas populares: uma convivência conflituosa. *Segundo encontro memorial: Nossas letras na história da educação; UFOP, Mariana – MG*. 2009. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/h542.pdf>>. Acessado: 15 jul. 2011.

ROSEN, George. *Uma História da Saúde Pública*. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/ Edunesp/Abrasco, 1994.

SOUZA, E. Freitas de Rafael. Medicina e Fauna Silvestre em Minas Gerais no século XVIII. *Varia Historia*. Belo Horizonte, v. 24, n. 39, 2008.

VIGIER, João. *Thesouro Apollíneo, Galenico, Chimico, Chirurgico, Pharmaceutico*. In: Acervo digital do Google Books. Disponível em: <http://books.google.com/books?id=ip3bYNAsUCgC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false.pdf>. Acessado: 2 jun. 2011.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Gomes Ferreira e os símplices da terra: experiências sociais dos cirurgiões no Brasil colonial. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). *Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 2002. p. 107-149.

